

Reservas caem para US\$ 40 bilhões

■ Montante equivale agora a apenas oito meses de importações, o mais baixo desde 1992. País perdeu US\$ 1,2 bi em novembro

SILVIA MUGNATTO

BRASÍLIA – As reservas internacionais do Brasil perderam US\$ 1,273 bilhão em novembro, fechando o mês em US\$ 40,289 bilhões. O número, um reflexo da crise internacional, equivale agora a apenas oito meses de importações, o nível mais baixo desde 1992. O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, disse que a posição das reservas em dezembro seria pior que a de novembro não fosse a entrada dos US\$ 9 bilhões negociados com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O dinheiro do FMI deve elevar a dívida externa brasileira para mais de US\$ 240 bilhões no fim do ano. Entre setembro e outubro, a dívida externa cresceu cerca de US\$ 2 bilhões, principalmente em função da valorização do iene (moeda japonesa). Até ontem, o país já havia pago US\$ 1 bilhão em juros da dívida externa e as empresas haviam remetido cerca de US\$ 600 milhões em lucros e dividendos para o exterior.

Entre janeiro e novembro deste ano, os pagamentos de juros para o exterior somaram US\$ 10,275 bilhões, 16% a mais que no mesmo período do ano passado. “Como o risco Brasil aumentou e as taxas de juros são flutuantes, a despesa com juros cresce”, explicou Altamir. No caso dos lucros e dividendos, a saída no ano alcança US\$ 6,055 bilhões, 22,7% a mais que no ano passado. A maior parte saiu porque as empresas anteciparam o envio dos dólares – com medo de desvalorização do real – em relação aos seus cronogramas originais.

Boa notícia – No total, as saídas de dólares por causa do déficit da balança comercial (importações maiores que exportações) e da conta

de serviços (juros, lucros e dividendos, viagens internacionais) alcançaram US\$ 32,582 bilhões entre janeiro e novembro. Mesmo com o ingresso de US\$ 1,713 bilhões da conta “transferências unilaterais” e de US\$ 19,659 bilhões na conta de capitais (investimentos, empréstimos), o balanço de pagamentos do país chegou a um déficit de US\$ 11,210 bilhões entre janeiro e novembro.

Os países chamam de “resultado em transações correntes” o número que reflete a soma dos resultados da balança comercial mais a conta de serviços. No caso brasileiro, este número é um déficit de 4,43% do Produto Interno Bruto (calculado em 12 meses até novembro) que o governo espera fechar o ano em 4,3%. A boa notícia é que a necessidade de dinheiro externo para fechar este déficit ficou em apenas 1,22% do PIB em novembro, o número mais baixo do ano.

Com a crise internacional, os dólares aplicados por períodos de menos de um ano em linhas de crédito, nas “63 caipira” e nas “contas CC5” (por onde o capital estrangeiro entra para aplicar no curto prazo) saíram em peso do país: US\$ 30,198 bilhões entre janeiro e novembro contra US\$ 18,520 bilhões em 1997. Em novembro deste ano, o Banco Central informou que ainda saíram US\$ 1,7 bilhão destes capitais de curto prazo.

Apesar da crise, o país ainda conseguiu captar US\$ 38,292 bilhões em novos empréstimos (bônus, commercial paper) até novembro contra US\$ 23 bilhões do ano passado. Altamir explicou, porém, que, em função da crise de 1997, os empréstimos continuaram, mas com prazos inferiores a um ano. “Portanto, este ingresso vai se refletir fortemente nas amortizações do ano que vem”, disse.



Segundo Altamir Lopes, do BC, nível das reservas seria pior se não fosse a ajuda do FMI

Gilberto Alves – 18/6/98